

2. Relativas: modelos sintáticos

Orações relativas podem ser definidas como construções subordinadas que compartilham as mesmas funções sintáticas e semânticas de modificadores nominais. O que particularmente vai diferenciar as relativas de outras orações subordinadas é a presença de um elemento *pivot*, que faz com que a oração principal e a encaixada estejam diretamente conectadas (Vries, 2002). E essa relação entre as duas orações se dá tanto em nível sintático quanto semântico.

Assim como os modificadores nominais, as relativas podem ser restritivas e não-restritivas (apositivas), sendo que as primeiras modificam um núcleo nominal, contribuindo, dessa forma, para a interpretação do DP e para a referência; e as segundas modificam um DP todo, o que não afeta sua interpretação e a referência por esse estabelecida. As diferenças sintáticas e semânticas entre os dois tipos refletem-se nas representações estruturais dessas construções. Sintaticamente, há distinção entre restritivas e não-restritivas no que se refere aos nós nos quais o elemento relativizado se encontra, o que varia entre os quadros teóricos assumidos. Semanticamente, pode-se dizer que há diferentes mecanismos de vinculação entre o vestígio interno da relativa e o elemento relativizado na oração principal, sendo que a interpretação do vestígio (cópia, nos termos atuais) nas restritivas é tida como uma vinculação de variável quantificada e, nas apositivas, como correspondente ao DP antecedente. Do ponto de vista do processamento de sentença, a posição do vestígio é vista como um *gap*, um vazio, ou seja, uma posição que precisa ser preenchida com a reativação do elemento antecedente na compreensão.

Ressalta-se que esta dissertação irá se concentrar nas orações relativas restritivas.

2.1.

Tipos de abordagens para orações relativas no contexto do gerativismo

O tratamento formal das orações relativas vem sendo modificado dentro do paradigma do gerativismo ao longo das décadas. As seções abaixo mostram as três principais abordagens para a sintaxe das orações relativas nesse quadro teórico e, especificamente, no Programa Minimalista. Com isso, objetiva-se resgatar como o tratamento de problemas relacionados às construções relativas vem se desenvolvendo ao longo da evolução da teoria lingüística. Esses problemas referem-se, principalmente, à relação sintática estabelecida entre o núcleo relativo e a posição interna de seu vestígio ou cópia, chamado por Bianchi (2002a,b) como “*the connectivity problem*”, e ao modo como a oração relativa se posiciona na árvore sintática, o que está diretamente ligado também a questões semânticas (considerado como “*the modification problem*”).

Com relação ao denominado “*connectivity problem*”, a teoria busca retratar formalmente como o núcleo nominal relativo está presente e desempenha funções sintáticas e semânticas, ao mesmo tempo, tanto na oração principal quanto na encaixada. O núcleo nominal relativo é o elemento que é modificado pela oração relativa. Por exemplo:

1. [Os doces [que eu comprei ____ na padaria] já estão estragados].

Na frase acima, o elemento “*doces*” é o núcleo nominal relativo, pois é ele que está sendo modificado pela oração relativa. Como se pode observar, “*doces*” está presente nas duas orações da sentença. Na oração principal, esse núcleo nominal está contido num DP¹ que desempenha a função sintática de sujeito e tem o papel-temático de benefactivo. Já na oração relativa, o núcleo “*doces*” está inserido num DP com função sintática de objeto direto e papel-temático de tema.

Observa-se assim que o núcleo nominal relativo tem um duplo papel na estrutura geral da sentença. E é esse elemento que faz a junção, ou seja, que liga diretamente a oração principal à oração relativa, sendo, por isso, chamado como “*elemento pivot*”. Uma das questões para as teorias é explicar como é feita essa relação do núcleo nominal relativo com a posição interna à oração relativa, tanto do ponto de vista sintático quanto do ponto de vista semântico.

¹ De acordo com a *DP-Hypothesis* (Abney, 1987), o determinante é o núcleo de uma projeção funcional (DP), que toma uma projeção lexical NP como seu complemento.

O outro problema, o “*modification problem*”, por sua vez, refere-se ao modo como a oração relativa se encaixa na oração principal, modificando o núcleo nominal relativo. Tal relação envolve questões de interface entre a sintaxe e a semântica, uma vez que diferentes tipos de encaixe sintático resultam em diferentes interpretações para as orações relativas. Em (2a), por exemplo, a frase é restritiva, já, em (2b), é não-restritiva, sendo que o que determina a interpretação é justamente a forma pela qual a oração relativa foi sintaticamente encaixada ao núcleo nominal relativo:

2. a) Os doces que eu comprei na padaria já estão estragados.

b) Os doces, que eu comprei na padaria, já estão estragados.

Esses são, segundo Bianchi (2002a,b), os dois grandes problemas que têm sido alvo das análises teóricas para as orações relativas desenvolvidas ao longo do gerativismo. No levantamento que aqui foi realizado, observa-se que, em alguns momentos, a teoria voltou-se mais para um ou para outro problema. Propostas visando às duas questões passam a ser mais recorrentes a partir de final da década de 1980. Ademais, percebe-se também que as bases das propostas vigentes atualmente retomam, em geral, as primeiras estruturas construídas para as relativas, como é, por exemplo, o caso da *matching analysis*, que vem sendo desenvolvida desde Chomsky (1965) e hoje encontra respaldo nas propostas de Sauerland (1998), Citko (2001) e Salzmann (2006), entre outros.

As várias teorias desenvolvidas ao longo do gerativismo para tratar as questões de sintaxe e semântica das orações relativas podem ser agrupadas (para efeito didático) em três propostas: *head external analysis*, *head raising analysis*, *matching analysis*. Essas serão, resumidamente, descritas abaixo. As diferenças entre elas residem, principalmente, na posição em que o núcleo relativo é inserido na derivação e no modo como a oração relativa se encaixa na oração principal.

2.1.1. Head External Analysis

A chamada *Head External Analysis* (HEA) é assumida, entre outros, por Montague (1970), Partee (1975)², Chomsky (1973, 1977) e Jackendoff (1977)³.

Chomsky (1977) caracteriza as relativas do inglês como construções formadas como interrogativas-*wh*, ou seja, por meio de movimento de um operador relativo (nulo ou morfologicamente idêntico a um sintagma-*wh*) que vai para COMP, deixando em sua posição de origem um vestígio, que funciona como variável:

3. a) the people [_{wh_i} John expected to meet _{t_i}]
- b) the people [_{Op_i} (that) John expected to meet _{t_i}]

Em Chomsky (1977) considera-se que a posição de COMP, depois do movimento do operador relativo para essa posição, contém, além do pronome relativo, um complementizador *that* (4a). Entretanto, uma regra de apagamento é aplicada, apagando o pronome relativo (4b), o complementizador (4c) ou ambos (4d). A co-ocorrência do pronome relativo e do complementizador na mesma relativa é impedida pelo filtro “*Doubly Filled Comp Filter*” (Chomsky & Lasnik, 1977):

4. a) the book [S' [COMP which that] [I read _t]
- b) the book that I read
- c) the book which I read

² Ressalta-se que as propostas de Montague (1970) e Partee (1975) situam-se em vertentes do gerativismo distintas da corrente chomskyana tomada como principal referência neste trabalho. Partee (1975) propõe uma análise com base semântica, na qual argumenta que as orações relativas são encaixadas a um constituinte nominal que não inclui o determinante. A chamada *NOM-S Theory* trabalha com a hipótese de que as relativas são complementos do núcleo nominal, opondo-se à estrutura de Ross (1967), que pressupunha uma relação de adjunção entre a *S_{rel}* e o núcleo modificado:

[_{NP} Det [_{Nom} Nom *S_{rel}*]
The girl that I saw.

Para Bianchi (2002), essa análise apresenta a vantagem de conseguir representar orações relativas cujos determinantes possuem elementos quantificadores ou genéricos:

[_{NP} [All the [_{NOM} [_{NOM} boys] [who left early]] missed the fun.

Acima, o núcleo “*boys*” é interpretado como parte tanto da relativa quanto da principal, excluindo-se o determinante.

³ Jackendoff (1977), no contexto de sua “*Uniform Three-Level Hypothesis*”, propõe uma estrutura sintática, na qual as relativas são vistas como complementos do NP. Tal análise diferencia relativas restritivas e não-restritivas em termos de níveis de encaixamento. Além dessa distinção em termos de níveis estruturais, Jackendoff (1977) ainda assume uma “*interpretative theory*”, possibilitando distinguir semanticamente relativas restritivas e não-restritivas no que se refere à interpretação dada ao sintagma-*wh*.

d) the book I read

Além disso, as orações relativas restritivas são analisadas, dentro da proposta de Chomsky (1977), em termos de uma relação de predicação. Ou seja, as relativas seriam interpretadas como um predicado do núcleo nominal relativo, em uma estrutura em que o pronome relativo fica co-indexado ao núcleo, via operação de predicação.

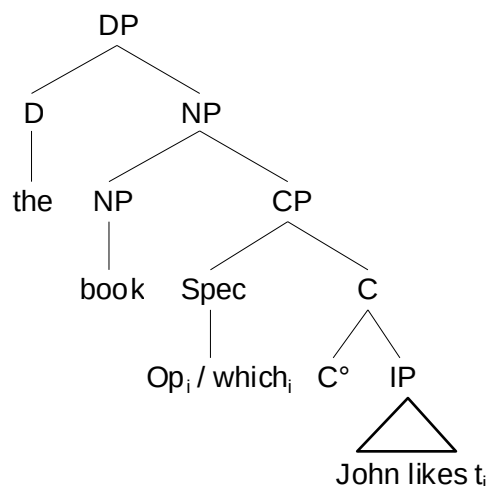
Pode-se considerar que, de modo geral, a HEA é caracterizada pela hipótese da adjunção, levando-se em conta que, em termos atuais, a oração relativa é adjungida ao núcleo nominal NP, o qual é gerado fora do CP relativo e é tomado como complemento do determinante externo. Dentro da relativa, há movimento-A' de um operador relativo, que pode ser um pronome relativo ou um operador nulo. O operador e o núcleo relativo externo relacionam-se via operação de predicação, mas não há uma representação interna à oração encaixada do NP relativo. Dessa forma, então, a reconstrução⁴ do núcleo na Forma Lógica (LF)⁵ não é possível, o que, em geral, é apontado como o maior problema dessa análise.

A HEA pode ser representada, adaptada aos termos do(s) modelo(s) vigente(s), pela estrutura abaixo:

5. the book [_{CP} Op_i/which_i John likes t_i]

⁴ Entende-se por reconstrução, nos termos de Salzmann (2006), a interpretação da cópia mais baixa de uma cadeia de movimento. São construções geralmente analisadas na literatura como exemplos que envolvem reconstrução: interpretação idiomática, escopo e ligação de variável.

⁵ Segundo a Enciclopédia de Ciências Cognitivas do MIT, a Forma Lógica (LF) de uma sentença é a representação formal de sua estrutura lógica, isto é, da estrutura relevante para especificar seu papel e suas propriedades lógicas. Tal representação expressa certos aspectos necessários para a interpretação semântica da frase, tais como elementos referenciais, quantificadores, relações de predicado-argumento e o escopo de operadores lógicos (como ligação de variáveis). No Programa Minimalista (Chomsky 1995, 1998, 1999, 2001), Forma Lógica (LF) e Forma Fonética (PF) são os únicos níveis de representação entre o sistema da língua e os sistemas de desempenho e se apresentam como níveis de interface: LF faz interface com o sistema conceptual-intencional e PF, com o sistema perceptual-articulatório.



2.1.2. The Head Raising Analysis

A primeira proposta de *Head Raising Analysis* (HRA), também chamada de *promotion analysis*, foi feita por Brame (1968) em um artigo não publicado. Mas a HRA desenvolve-se, principalmente, nas obras de Schachter (1973)⁶ e Vergnaud (1974/1985)⁷, que servem de base para a proposta de Kayne (1994), já considerando a *DP-Hypothesis*⁸ (Abney, 1987). Além de Kayne, como será visto abaixo, outros autores têm trabalhado com a análise *raising* a partir do fim década de 1990, como Bianchi (1999, 2000), Bhatt (1999, 2002), Safir (1999), Vries, (2002), podendo-se também incluir Sauerland (1998), cuja proposta argumenta a favor de uma ambigüidade no tratamento das orações relativas: vistas ora como construções de estrutura *matching* e ora como construções de estrutura *raising*.

A característica principal da análise *raising* é a proposta de que o núcleo relativo é gerado dentro da oração relativa. Todas as versões teóricas compartilham esse pressuposto, entretanto, elas podem se diferenciar pelo

⁶ Schachter (1973) propõe uma *raising analysis* em que a oração relativa é vista como complemento de Nom:

[S [NP the [Nom [Nom e] [S ... NP ...]]] Aux VP] →
[S [NP the [Nom [Nom N_i] [S ... [NP t_i] ...]]] Aux VP]

⁷ A proposta de *raising analysis* de Vergnaud (1974/1985), elaborada com base em Schachter (1973), tem duas características principais: as relativas são encaixadas no NP externo por adjunção e o núcleo relativo é gerado dentro da oração relativa:

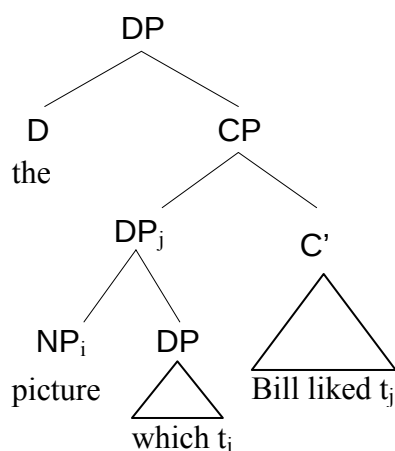
[S' [comp [NP_i wh-det N] [S ... t_i ...]] →
[NP_i NP [S' [comp D-rel_i] [S ... t_i ...]]]

⁸ Conforme nota 1.

tratamento que dão a algumas questões, como: a posição estrutural para onde o núcleo relativo se move no curso da derivação (dentro ou fora do CP relativo), a natureza do constituinte que sofre movimento (NP ou DP) e ainda o tipo de relação estabelecida entre o núcleo nominal modificado e a oração relativa (complementação ou adjunção).

A análise mais recorrente, a de Kayne (1994), pressupõe que o CP relativo é complemento do determinante externo e ainda que o DP relativo sofre movimento-A', indo ocupar a posição de Spec/CP:

6. *The picture which John liked.*



A análise de Kayne (1994) e outras propostas que a adotam no quadro Minimalista serão destacadas abaixo. Alguns autores, como Bhatt (2002), ressaltam como característica favorável a essa proposta o fato de que, sendo o núcleo nominal gerado dentro da oração relativa, ele pode ser reconstruído internamente e interpretado numa posição interna à oração encaixada.

Assim, as principais evidências usadas para sustentar a HRA são provenientes de casos de leitura idiomática, vinculação de variáveis e escopo. Todos esses argumentos lidam com o fato de que o núcleo nominal relativo precisa ser reconstruído em sua posição de origem (a posição de vestígio ou cópia, equivalente a um *gap* nos modelos de aquisição) na interpretação em LF.

Já as críticas mais recorrentes a essa proposta (confira Borsley, 1997) são relacionadas a questões de caso (o DP em que se encontra o elemento crítico e o vestígio podem apresentar marcas de caso diferentes, e o pronome relativo e o

núcleo nominal também o podem) e à ausência dos efeitos do Princípio C⁹ em relativas.

2.1.3. The Matching Analysis

A literatura considera que a origem da *Matching Analysis* (MA) está em Chomsky (1965)¹⁰. Na década de 1980, essa análise não teve tanta repercussão na Teoria Lingüística, emergindo novamente nas propostas de Munn (1994), Sauerland (1998, 2003), Citko (2001) e Salzmann (2006) - as últimas três serão vistas adiante.

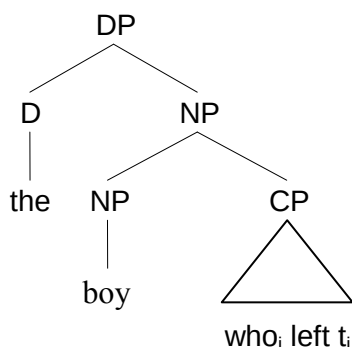
Para Bhatt (2002), a estrutura *matching* pode ser vista como um meio termo entre a HEA e a HRA. Compartilha dois pressupostos com a HEA: que o núcleo relativo é gerado fora da oração relativa e que o CP relativo é adjungido ao núcleo nominal. Já com a HRA, compartilha a idéia de que há uma representação interna do NP relativo.

7. The boy who left.

⁹ Princípio C é um dos princípios da Teoria da Ligação, os quais se referem às possibilidades de DPs serem co-referentes. O Princípio C determina que uma expressão-R (expressão referencial) tem de estar livre, o que significa que tal elemento não pode estar vinculado, ou seja, não pode ser c-comandado por um elemento que porte o mesmo índice referencial (Miotto, Silva e Lopes, 1999).

¹⁰ Em *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), Chomsky trata as relativas como adjuntos encaixados ao núcleo nominal (NP relativo) da oração principal. Nessa estrutura, as orações relativas possuem um NP (idêntico ao NP relativo) que se move para a posição de COMP da relativa, sendo apagado e substituído por um pronome relativo. Dessa forma, essa *matching analysis* prevê a existência de duas representações do núcleo nominal na estrutura profunda, o que possibilita interpretar o NP relativo como parte tanto da oração principal quanto da relativa. Porém, esses dois núcleos devem ter identidade completa (ponto mais criticado dessa teoria de Chomsky) ou serem co-referenciais para que a representação interna possa ser apagada, abordagem denominada na literatura como “*deletion under identity*” e que pode ser assim representada:

The girl that I saw
the girl [_{S-rel} that I saw ~~the girl~~]



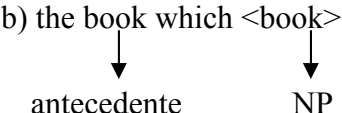
Com relação a essa representação do núcleo interno, a *matching analysis* assume que ele é complemento do operador relativo, que é o elemento gerado em posição argumental e que pode ser um pronome relativo ou um elemento nulo (no caso de línguas como o inglês). Em termos minimalistas, o DP relativo (formado pelo operador relativo e a representação interna do núcleo nominal) sofre movimento-A' e ocupa, então, Spec/CP, posição na qual, em algumas propostas teóricas, o núcleo interno é apagado por identidade (que não precisa ser uma identidade completa nas teorias recentes) com o núcleo externo.

Em algumas das atuais propostas (Sauerland, 1998; Salzmann, 2006), a análise *matching* diferencia-se da *raising* por não considerar que o núcleo interno e o externo estejam relacionados por uma cadeia de movimento-A', como será visto adiante. De acordo com tais análises, essa relação dá-se por meio de elipse, e o mecanismo “*vehicle change*”¹¹ garante a não obrigatoriedade da identificação plena entre as duas representações do núcleo nominal relativo. E, uma vez que não pertencem a uma cadeia de movimento, ambos os núcleos podem ser interpretados na etapa de reconstrução em LF:

8. a) $[_{DP} [_{D'} D [_{NP} [_{N'} N_i [_{CP} wh_i \dots t_i \dots]]]]]$
 b) the [book] $[_{CP} [Op/which_{book}]_i John likes t_i]$
 c) the [book] $_i [_{CP} [Op/which_{book}]_i John likes __ t_i]$ (reconstrução em LF)

Sauerland (1998) entende que o material interno da oração relativa é uma cópia elidida do material na posição interna:

¹¹ “*Vehicle change*” (Fiengo & May, 1994) é um mecanismo de elipse, segundo o qual uma expressão referencial ou um elemento com traço-*wh* no núcleo externo (ou antecedente da elipse) pode ser representado na elipse por um pronome.

9. a) the book which John likes
 b) the book which <book> John likes *t*
- 

Na estrutura *matching* proposta por Sauerland, então, a cópia elidida ou *silent copy* (“*book*”) é complemento do operador relativo (“*which*”), sendo que, em LF, é representada na posição de vestígio dentro da oração relativa. O autor introduz o termo “*relative deletion*” para caracterizar o processo que torna o núcleo relativo das orações relativas fonologicamente nulo e que estabelece o núcleo externo como antecedente do interno.

Na seção seguinte, será feita uma revisão das análises *raising* e *matching* apresentadas no contexto do Programa Minimalista.

2.2.

Divergências entre *raising* e *matching* no contexto do Programa Minimalista

A Teoria Lingüística tem, em geral, tratado as orações relativas como construções formadas por movimento-A’, envolvendo um operador relativo. Mas, assim como nos momentos anteriores ao Programa Minimalista, há versões com diferentes propostas para a questão da relação entre o núcleo nominal relativo e o CP relativo e para a sintaxe interna às relativas. Apesar da variedade, pode-se identificar uma predominância durante a década de 1990 da *raising analysis*, havendo propostas mais ou menos convergentes com a estrutura de Kayne (1994). Atualmente, entretanto, a *matching analysis* também vem ganhando espaço na teoria, em propostas que a consideram exclusivamente ou em propostas que consideram necessária a co-existência das estruturas representacionais da *raising* e da *matching* para se explicar todos os tipos de orações relativas.

2.2.1. Kayne (1994)

Kayne revisa a estrutura *raising*, proposta inicialmente por Brame (1968), Schachter (1973) e Vergnaud (1974/1985), com base na teoria do *D-complement* (Smith, 1964)¹² e na *DP-hypothesis* (Abney, 1987).

Em *The Antisymmetry of Syntax* (1994), propõe o Axioma da Correspondência Linear, *LCA* (assumido por Chomsky, 1995), sugerindo que a ordem linear das sentenças seria determinada pela estrutura frasal, ou seja, que toda representação sintática estaria relacionada diretamente a uma ordenação linear fixa dos seus itens lexicais, sendo que a linearidade estaria associada a um c-comando assimétrico. Tal proposta de organização frasal traria duas conseqüências para as construções sintáticas: os complementos devem sempre seguir o núcleo ao qual estão associados e os especificadores e adjuntos devem preceder o sintagma ao qual estão ligados. Dessa forma, a adjunção à direita é geralmente descartada, o que impede que orações relativas sejam tratadas como adjuntos de qualquer projeção de N ou D. E como as relativas também não podem ser complementos de N, então, a única hipótese para o processo de relativização compatível com uma teoria baseada no *LCA* seria a que considera as relativas como complementos do determinante: [_{DP} D CP].

Assim, Kayne assume para o “problema da modificação” que o determinante toma o CP relativo como seu complemento. A derivação das relativas na estrutura *raising* segue os seguintes passos: o núcleo DP é gerado internamente no espaço de relativização, como parte dos requerimentos de c-seleção do verbo da oração encaixada. Há atribuição de papel-temático e valoração do traço de caso do DP via relação de concordância com a projeção funcional. Esse DP sofre movimento-A’ para a posição de especificador do CP

¹² A *D-complement hypothesis* (ou *Determiner-S analysis*), de Smith, 1964, tem foco na relação de modificação que as relativas estabelecem com o núcleo nominal. Nessa proposta, as orações relativas são tratadas como complementos do determinante:

$$[NP [Det \dots R A] N] \rightarrow [NP [Det \dots] N R A] \rightarrow [NP [Det \dots] N RC_{restritiva} RC_{apositiva}]$$

Smith pressupõe que, primeiramente, o determinante seleciona um marcador relativo (restritivo ou apositivo), o qual vai ser substituído, na última etapa da derivação, pela oração relativa em si. A estrutura de Smith ainda propõe o núcleo relativo sendo gerado fora da oração relativa, como núcleo do NP.

Mais tarde, essa análise será retomada por Carlson (1977) e por Kayne (1994). Diferentemente da estrutura original, a *Determiner-S analysis* será associada então, nessas análises posteriores, a uma estrutura em que o núcleo relativo é gerado internamente à relativa.

relativo, deixando uma cópia na posição de origem. Caso a relativa restritiva não apresente pronome relativo, a camada C pode ser ou não ocupada por um complementizador:

10. a) $[DP [D' \text{ the } [CP (\text{that}) \text{ I painted the house}]]]$ ¹³

b) $[DP [D' \text{ the } [CP \text{ house}_i [C' (\text{that}) \text{ I painted } t_i]]]]$

Já nos casos de relativas formadas com pronomes relativos, a sintaxe de relativização envolve ainda um outro tipo de movimento: o núcleo do DP move-se para a posição de especificador dessa projeção. Kayne trata o pronome relativo como determinante do DP_{rel} , estando, então, na posição D^0 . Há o movimento-A' e, depois, para atingir a correta ordem linear, o núcleo NP move-se para o $Spec/DP_{rel}$, separando-se do pronome:

11. a) $[DP [D' \text{ the } [CP \text{ I painted } [DP_{rel} \text{ which } [NP \text{ house}]]]]] \rightarrow$

b) $[DP [D' \text{ the } [CP [DP_{rel} \text{ which } [NP \text{ house}]]_i [C' \text{ I painted } t_i]]]] \rightarrow$

c) $[DP [D' \text{ the } [CP [DP_{rel} [NP \text{ house}]_k [D'_{rel} \text{ which } t_k]]_i [\text{ I painted } t_i]]]]$

Com relação às apositivas, Kayne (1994) considera que haverá um movimento adicional em LF: o IP da oração relativa move-se e ocupa a posição de $Spec/DP$, na qual não fica sob c-comando do determinante, permitindo a interpretação não-restritiva:

12. $[DP [IP \dots t_i \dots] D [CP [DP_{rel} NP [D_{rel} t_{NP}]]_i [C' C t_{IP}]]]$



É interessante observar que, na proposta original de Kayne, nas restritivas não-*wh* (13a), o constituinte que se move para o início da relativa é um NP e, somente nas relativas-*wh* (13b), a natureza do sintagma é um DP:

13. a) $[DP D [CP NP_i [CP C [IP \dots t_i \dots]]]]$

b) $[DP D [CP [DP_{rel} NP [D_{rel} t_{NP}]]_i [C' (C) [IP \dots t_i \dots]]]]$

Essa diferença é uma das críticas feitas por Borsley (1997) à estrutura *raising* proposta por Kayne (1994). Borsley provê evidências a favor de que, em ambos os tipos de relativas restritivas, o constituinte que sofre movimento para $Spec/CP$ é da categoria DP, uma vez que, entre os demais fatores relacionados a ligação, marcação de caso e interpretação idiomática, o sintagma movido é gerado em uma posição argumental, cujos elementos têm natureza de DPs. Os modelos

¹³ Os exemplos com relação à estrutura *raising* do modelo de Kayne (1994) dessa seção foram retirados de Vries (1998), Bianchi (2002) e Borsley (2001).

de *raising analysis* posteriores (Bianchi, 2000; Vries, 2002) incorporam essa argumentação e prevêm que o núcleo do DP das orações relativas sem pronome relativo seria ocupado por um determinante nulo (ou um pronome relativo zero):

14. [DP [D' the [CP [DP-rel [NP house]_k [D'-rel e t_k]]_i [I painted t_i]]]]

Já a questão de conectividade na teoria de Kayne é captada por meio da cadeia formada pelo movimento A' do DP relativo, visto que a operação deixa cópias idênticas no lugar de relativização e em outros possíveis links intermediários da cadeia. Dessa forma, o elemento *pivot* pode ser interpretado em uma posição interna à oração relativa e, após atingir Spec/CP, também passa a ser semanticamente parte da oração principal.

O tratamento das relativas como construções formadas por movimento-A' é sugerido desde Chomsky (1977), quando se considera que as relativas são construções formadas de maneira semelhante às interrogativas-*wh*.

2.2.2. Bianchi (1999/2000)

Bianchi (1999) assume a proposta de Kayne (1994) em seus pontos básicos, como, por exemplo, a estrutura *raising* e a relação de complementação entre o CP relativo e o núcleo nominal modificado. Entretanto, Bianchi reformula a idéia de Kayne para a derivação de relativas-*zero* (ou seja, aquelas que não possuem pronomes relativos) e ainda incorpora em seu modelo a “*CP-Split Hypothesis*”, de Rizzi (1997).

É importante observar que várias alterações na análise *raising* feitas por Bianchi (1999) foram, de certa forma, motivadas pelas críticas elaboradas por Borsley (1997), como, por exemplo, a questão das construções sem pronome relativo. Em Kayne (1994), como visto acima, considerava-se que essas relativas envolviam o movimento-*wh* de um elemento de categoria NP e não de categoria DP. As críticas e evidências postuladas por Borsley (1997) são aceitas e incorporadas, então, à estrutura de Bianchi (1999), na qual as relativas não-*wh* possuem também um DP relativo, só que nucleado por um operador nulo. Essa nova proposta unifica, então, o tratamento formal de orações relativas com e sem pronome relativo:

15. a) [_{DP} The [_{CP} [_{NP} book]_i [(that) [_{IP} I read t_i]]]] (Kayne, 1994)
 b) [_{DP} The [_{CP} [_{DP} D_{REL} book]_i [(that) [_{IP} I read t_i]]]] (Bianchi, 1999)

A outra modificação relevante na análise *raising* feita por Bianchi (1999) refere-se à adoção da “*CP-Split Hypothesis*” (Rizzi, 1997), sugerindo a postulação de uma camada XP, intermediária a C e I, para onde seria movido o D_{REL}, antes de o núcleo NP relativo ir para Spec/CP. Essa “divisão” do CP não ocorre, entretanto, nas relativas-*that*, que seguem a proposta de derivação em que o DP relativo sai da posição argumental e vai direto para a posição-A’. Relativas-*that* (16a) e relativas-*wh* (considerando-se também as com operadores relativos nulos) (16b) têm, assim, estruturas diferentes:

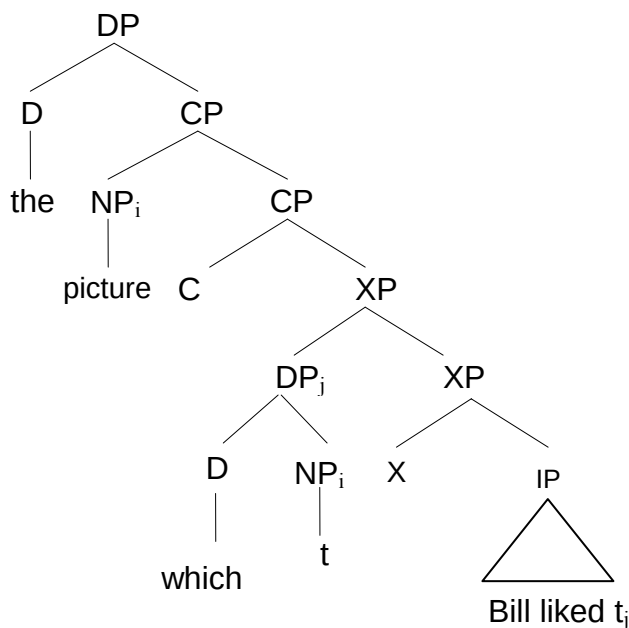
16. a) [_{DP} D_{rel} + the [_{CP} [_{DP} t_{D-rel} picture]_i [_{C'} that Bill liked t_i]]]
 b) [_{DP} the [_{CP} [_{NP} picture] [_{C'} C [_{XP} [_{DP} which t_{np}] [_{X'} X [_{IP} Bill liked t_i]]]]]]

A derivação de uma relativa-*wh* obedece aos seguintes passos: o DP relativo é gerado na posição argumental de base. Depois, todo o constituinte move-se para Spec/XP, sendo que o pronome relativo (ou o operador nulo, no caso de relativas não-*wh*) permanece nessa posição e o núcleo nominal relativo sobe para Spec/CP. Na proposta de Kayne (1994), além da ausência da camada XP, o DP relativo movia-se, por inteiro, para Spec/CP e, depois, o NP separava-se do pronome relativo, indo para Spec/DP.

Para Bianchi (1999), o movimento do núcleo nominal para Spec/CP justifica-se pela necessidade de o determinante externo valorar um traço-N de seleção que só pode ser valorado por um elemento de categoria nominal que esteja em seu domínio mínimo¹⁴. E o elemento que corresponde a essas exigências é o NP do DP relativo. A análise de Bianchi pressupõe ainda que o D_{REL} nulo seja incorporado, ao final da derivação, pelo determinante externo, caso ambos não tenham traços incompatíveis e caso não haja uma preposição intervindo entre os dois determinantes:

¹⁴ O conceito de domínio mínimo aplicado por Bianchi (1999) é elaborado por Manzini (1994), que o descreve da seguinte forma: “*the minimal domain (X) of a head X includes all categories that are immediately dominated by, and do not immediately dominate, a projection of X*”.

17.

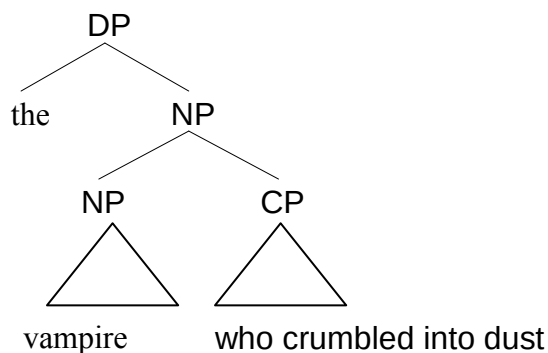


Além das críticas de Borsley (1997, 2001), a estrutura *raising* de Bianchi também não é considerada adequada por Vries (2002), que, entre outras questões (ver Vries, 2002, p.115), acredita não haver motivos para se ter tratamentos formais distintos para relativas-*that* e relativas-*wh*, principalmente, no que se refere à postulação de uma camada extra XP só para as construções do segundo tipo.

2.2.3. Hornstein (2001) e Adger (2002)

Hornstein (2001) e Adger (2002) assumem a *raising analysis*, porém, em uma versão na qual as relativas são tomadas como adjuntos, sendo que o primeiro as toma como adjuntos de DP e o segundo, como adjuntos de NP (18):

18. The vampire who crumbled into dust.



Para Adger (2002), as relativas são semelhantes às interrogativas-*wh*, na medida em que também envolvem movimento de um elemento em posição-A para a posição de especificador do CP, deixando um vestígio no lugar de origem. Para Adger, a diferença, entretanto, entre os dois tipos de construção é que a camada C das orações relativas sustentaria um traço [Rel] (relativas), em vez do traço [Q] (*question*), garantindo que sejam interpretadas como modificadores e não como interrogativas.

No quadro Minimalista recente, a questão do modo de encaixe do CP relativo ao núcleo modificado tem sido tratada, segundo Bianchi (2002b), levando em conta a natureza derivacional do sistema computacional da linguagem humana. O problema insere-se na discussão, inicialmente levantada por Lebeaux (1988, 1990), sobre o comportamento assimétrico de complementos e adjuntos.

O argumento mais comum para sustentar tal distinção baseia-se na questão dos efeitos do Princípio C, aparentes em (19a), mas não em (19b):

19. *a) [Which claim [that John_i was asleep]] was he_i willing to discuss *t*?

b) [Which claim [that John_i made *t*]] was he_i willing to discuss *t*?

A diferença entre as duas orações acima, responsável pela gramaticalidade de uma e pela agramaticalidade de outra, está na natureza da oração encaixada. Em (19a), a oração encaixada é um complemento do sintagma-*wh*, já em (19b) a encaixada é uma oração relativa, considerada como um adjunto modificador. Efeitos do Princípio C ocorrem em (19a) porque, sendo um complemento, a oração encaixada fica sujeita ao Princípio de Projeção e, assim, deve ser inserido na derivação na posição original para que receba papel-temático. Dessa forma, gera-se uma configuração estrutural em que a expressão referencial “John” fica c-comandada pelo pronome “he”, desobedecendo ao Princípio C.

Em (19b) a situação é diferente, uma vez que, sendo um adjunto, a oração relativa não está sujeita ao Princípio de Projeção, podendo, assim, ser inserida na derivação depois que o sintagma-*wh* já foi movido para Spec/CP. E, sendo encaixada após o movimento, a expressão referencial da oração relativa fica livre, não estando sob c-comando do pronome, respeitando o Princípio C.

Essa diferença entre complementos e adjuntos, no que se refere aos efeitos do Princípio C, é usada como evidência a favor da proposta derivacional assumida em Chomsky (1993) e em detrimento da visão representacional defendida por Lebeaux (1988, 1990).

2.2.4. Vries (2002)

Vries (2002) também reelabora a análise *raising* de Kayne (1994), assumindo a hipótese de Abney (1987), segundo a qual os argumentos nominais são DPs, e considerando também pronomes relativos como determinantes. Além disso, propõe que os operadores relativos (sejam morfologicamente semelhantes a pronomes interrogativos ou nulos) carregam um traço-*wh* e sofrem, assim, movimento para Spec/CP.

Vries (2002) considera que todos os tipos de orações relativas possuem os mesmos componentes, sendo que as diferenças entre eles estariam relacionadas ao processo de checagem de traços formais na computação sintática, estabelecendo ainda que os traços relevantes para esse processo são os traços-*phi*, o traço-*wh* e o caso.

O processo de derivação é apresentado em termos de checagem de traços¹⁵ (nos termos de Chomsky, 1995) e das operações *Merge* e *Move*. Assim, a construção de uma oração relativa pela estrutura *raising* de Vries (2002) ocorre da seguinte forma (aqui representada pelo exemplo em alemão, fornecido pelo próprio autor):

20. Ich fürchte den Herrn der eine Pistole trägt.

“I fear the gentleman who carries a gun”.

- a) [DP-rel der [NP Herrn]]
- b) [DP-rel [NP Herrn]_h der t_h]
- c) [VP [DP-rel Herrn_h der t_h] [V' eine Pistole trägt]]
- d) [IP [DP-rel Herrn_h der t_h]_i [I' I [VP t_i eine Pistole trägt]]]
- e) [CP [DP-rel Herrn_h der t_h]_i [C' C [IP t_i' I [VP t_i eine Pistole trägt]]]]
- f) [DP den [CP [DP-rel Herrn_h der t_h]_i [C' C [IP t_i' I [VP t_i eine Pistole trägt]]]]]
- g) [DP FF¹⁶_h + den [CP [DP-rel Herrn_h der t_h]_i C [IP t_i' I [VP t_i eine Pistole trägt]]]]]
- h) [CP Ich fürchte [DP FF_h + den [CP Herrn_h der eine Pistole trägt]]]

¹⁵ Segundo teorema de Vries (2002), os traços formais precisam ser checados e tal checagem, que é entendida como a comparação com um traço similar, pode se dar de duas formas: em uma onfiguração especificador-núcleo ou em uma estrutura de incorporação do núcleo.

A derivação inicia-se com a geração, na oração encaixada, do núcleo nominal como complemento do pronome relativo, formando o DP relativo, tal como é pressuposto nas análises do tipo *raising*. Como os traços-*phi* do D relativo precisam ser checados, estabelece-se uma relação de concordância (por uma configuração “Spec-head”) com o NP que, então, sobe para a posição de Spec/DP_{REL}. Apesar de terem traços-*phi* em concordância, o D relativo e o N não precisam, segundo ressalta Vries (2002), apresentar mesmas marcas de caso (como ocorre no exemplo em questão, no qual D_{REL} é nominativo e o N, acusativo).

Depois, o DP relativo é selecionado como sujeito do predicado verbal, concatenando-se ao V', preenchendo os requisitos de seleção argumental e formando, assim, o VP. Quando a Flexão (I) é concatenada ao VP, atrai o DP relativo sujeito para checar o traço de caso.

O próximo passo é a adição do nível CP. Uma vez que o pronome relativo possui traço-*wh* ainda não checado, o DP relativo sofre movimento-A', indo para Spec/CP; configuração tal que permite a checagem do traço em questão.

Depois do CP relativo formado, a derivação segue com a seleção de todo o CP como complemento do determinante externo, já que Vries adota a *DP-complement Hypothesis* (Smith, 1964), tal como Kayne (1994) e Bianchi (1999). O DP formado pelo D externo e o CP relativo é inserido na oração principal e tomado, então, como argumento do verbo, completando a derivação.

Com relação à checagem dos traços de caso do núcleo nominal, ressalta-se que, uma vez que o núcleo N está na posição de especificador do DP_{REL}, o qual está em Spec/CP, não há barreiras entre o D externo e o nome relativo, possibilitando uma relação de checagem dos traços-*phi* do determinante. E essa checagem estabelece-se por incorporação do N ao D, conforme a explicação dada pelo autor:

Hence the agreement between D and N is checked in an incorporation structure. Incorporation is only possible if all features match, therefore N and D must also bear the same Case – accusative in this example. Hence the Case features are checked, too (Vries, 2002, p.124).

¹⁶ Na derivação de Vries (2002), FF significa “Formal Features”.

2.2.5. Sauerland (1998)

A proposta de Sauerland (1998) assemelha-se às análises contemporâneas por se basear, principalmente, em questões relacionadas aos efeitos do Princípio C e à reconstrução de elementos vinculados. Entretanto, difere-se das demais teorias, uma vez que considera que as orações relativas do inglês podem possuir duas representações estruturais. Essa proposta, elaborada originalmente por Carlson (1977) e retomada por Sauerland (1998), além de Bhatt (2002) e de Heim (1987), considera que as relativas do inglês possuem uma natureza ambígua, apresentando duas possíveis representações em LF: uma em que o núcleo relativo é interpretado apenas na posição interna de vestígio, e outra em que, além da representação interna, o núcleo também é interpretado externamente ao CP relativo. Respectivamente, essas estruturas são a *raising* e a *matching*.

Apesar de propor essa ambigüidade estrutural, Sauerland (1998) considera que os casos de relativas com estrutura *raising* são restritos a apenas ao que ele chama de “*special interpretation*”, ressaltando, entre esses, os casos de leitura idiomática, ligação de variáveis e escopo. Já a *matching analysis* é considerada como a estrutura *default* para as relativas do inglês, sendo justificada, principalmente, com exemplos em que há a anulação dos efeitos do Princípio C.

Uma das principais diferenças entre as duas estruturas evocadas por Sauerland (1998) refere-se ao modo como se estabelece a relação entre o núcleo relativo e o vestígio (cópia). Retomando Munn (1994) e Safir (1999), Sauerland (1998) propõe que, nas estruturas *matching*, o núcleo relativo (que é gerado em uma posição externa ao CP relativo) não está ligado à posição interna por meio de uma cadeia de movimento, como ocorre nas construções de interrogativas-*wh*. Já nas estruturas *raising*, a relação entre o vestígio interno e o núcleo externo é feita via movimento.

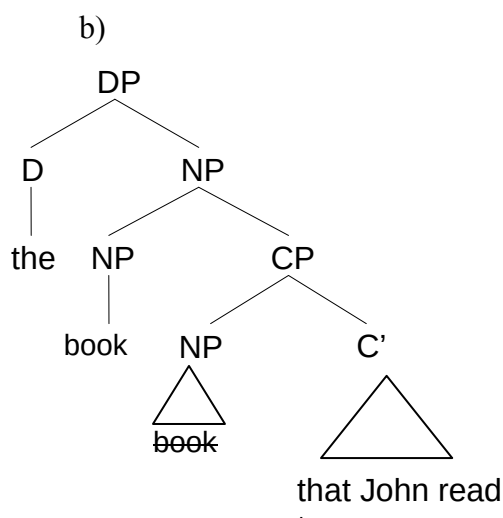
Uma das evidências a favor de tal proposta para a análise *matching* vem de exemplos que lidam com a questão do Princípio C:

21. a) Which is the picture of John_i that he_i likes?
- b) *Which picture of John_i does he_i like?

Em (21a), mesmo havendo uma expressão referencial dentro do NP relativo, não ocorrem efeitos do Princípio C na oração relativa. Já em (21b), a interrogativa-*wh* fica agramatical com a presença de uma expressão referencial como parte do núcleo nominal relativo. Esse contraste mostra, então, que os padrões de reconstrução encontrados em orações relativas não podem ser completamente comparados àqueles existentes em construções formadas por movimento-*wh*.

De acordo com os pressupostos abordados acima, pode-se representar a estrutura *matching* de Sauerland (1998) da seguinte maneira:

22. a) The book that John read.

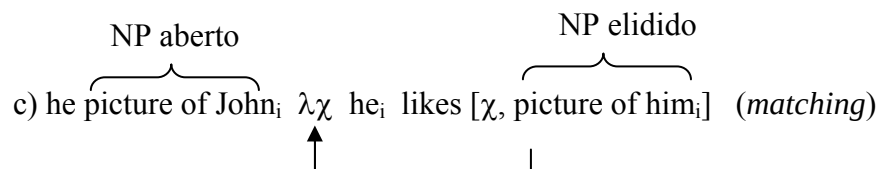
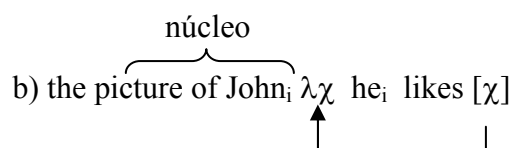


c) the book $\lambda\chi$ John read the_x book (representação em LF)

Observa-se que o núcleo relativo (*book*), além de ser interpretado fora da oração relativa, também o é na posição interna (cópia). A proposta é que essa representação interna não precisa ser idêntica ao núcleo externo, uma vez que ambos não estão ligados por uma cadeia de movimento¹⁷. Sauerland (1998) assume que essa relação entre o núcleo interno e o externo é feita por um mecanismo de elipse denominado “*vehicle change*” (Fiengo & May, 1994), segundo o qual uma expressão referencial ou um elemento com traço-*wh* no núcleo externo (ou antecedente da elipse) pode ser representado na elipse por um pronome. E é justamente a possibilidade do NP do núcleo externo poder ser trocado por um NP-anáfora na representação interna que permite a ausência dos efeitos do Princípio C nessas construções relativas:

¹⁷ Pela proposta de Sauerland (1998), dois vestígios são idênticos se o conteúdo lexical representado nas posições de vestígio é o mesmo.

23. a) the picture of John_i he_i likes



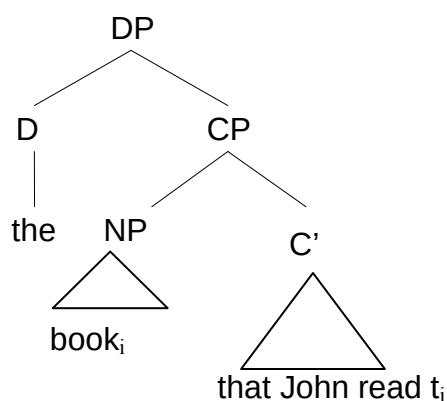
Como os dois núcleos estão relacionados por elipse, ambos podem ser interpretados em LF, porém, em PF, a cópia interna será apagada, por meio do mecanismo de “*relative deletion*”, isto é, o processo segundo o qual o núcleo interno das orações relativas torna-se fonologicamente nulo e o núcleo externo é tomado como antecedente do interno.

Já na estrutura *raising*, o núcleo relativo é interpretado exclusivamente na posição de vestígio interno:

24. a) the book that John read

b) the $\lambda\chi$ John read the_x book (representação em LF)

c)



De acordo com as propriedades de cada estrutura, Sauerland (1998) argumenta que os fatores que forçam uma análise *matching* são incompatíveis com os fatores que forçam uma análise *raising* e, por isso, a necessidade de ambas. Segundo a proposta, três fatores pedem uma estrutura *raising*: orações relativas em que há anáforas e variáveis no núcleo relativo vinculadas a um

elemento dentro do CP relativo; construções em que o núcleo relativo é parte de uma expressão idiomática e casos de escopo. Já a estrutura *matching* é requerida por vários outros fatores, entre eles, os mais recorrentemente citados são casos envolvendo o Princípio C e licenciamento de elipse.

2.2.6. Citko (2001)

Já Citko (2001) trabalha apenas com a possibilidade de uma estrutura *matching*, desenhada dentro dos parâmetros da proposta de “*deletion under identity*” (Stockwell, Schachter & Partee, 1973; Chomsky, 1965; Chomsky & Lasnik, 1977). A proposta de Citko também é focada nas questões citadas como sendo problemáticas para uma análise *raising*, como, efeitos do Princípio C, caso e licenciamento de itens de polaridade negativa.

Ela assume que o núcleo relativo é gerado externamente e que é representado por duas cópias no interior da oração relativa. Em LF, uma das cópias pode ser apagada pelo processo de identificação com o núcleo externo. A derivação, então, de acordo com o mecanismo de “*deletion under identity*” segue-se assim, considerando o exemplo dado pela autora (Citko, 2001, p.7):

25. the picture which he likes

O núcleo relativo (*picture*) é gerado em posição fora do CP relativo. Internamente à oração relativa, o constituinte-*wh* (*which picture*) sofre movimento-*wh*, ocupando Spec/CP:

26. [DP the picture [CP [DP which picture]_i [TP he likes *t_i*]]]

Depois disso, o núcleo nominal (*picture*) na posição A' é apagado na interface fonológica (PF), uma vez que tem identidade com o núcleo nominal externo (os elementos apagados em PF estão sombreados):

27. [DP the picture [CP [DP which **picture**] [TP he likes *t_i*]]]

A próxima etapa é a reconstrução do núcleo relativo em LF. Como o DP relativo externo não está ligado às cópias internas por cadeia de movimento, ele não sofre reconstrução (o elemento apagado em LF está representado com um grifo):

28. [DP the picture [CP [DP which **picture**] [TP he likes *picture*]]]

Desta forma, restam duas cópias do nome relativo na representação em LF: uma externa ao CP_{REL} e outra na posição interna da cópia.

Citko argumenta que, como o núcleo externo não está ligado às representações internas por uma cadeia de movimento, então ele pode receber traço de caso diferente do traço do pronome relativo.

2.2.7.

Salzmann (2006)

Salzmann (2006) propõe que apenas uma estrutura *matching* é suficiente para representar as relativas do alemão. Segundo ele, essa é a análise mais econômica e mais adequada do ponto de vista descritivo, uma vez que consegue dar conta tanto dos casos em que há reconstrução do núcleo relativo em posição interna quanto dos casos em que não há.

Assim como as teorias de outros autores que estão trabalhando com orações relativas dentro do *framework* Minimalista recente, o foco do trabalho de Salzmann (2006) também é relacionado aos efeitos do Princípio C. Sua análise recupera elementos das propostas de *matching analysis* de Munn (1994), Citko (2001) e Sauerland (2001), como, por exemplo, o mecanismo “*vehicle change*” e a operação “*deletion under identity*”.

A versão da *matching analysis* de Salzmann (2006) considera que as relativas são formadas por movimento-A’ do operador relativo para Spec/CP. O pronome relativo seleciona um NP como complemento, que é apagado sob identidade com o núcleo nominal externo. Ressalta-se que essa operação de apagamento é concebida em termos de uma elipse, o que possibilita a identidade entre os núcleos, mesmo quando ambos não possuem a mesma marca de caso. Abaixo segue o exemplo da estrutura *matching* dado por Salzmann (2006, p.126):

29. a) das [Buch_j] [CP [das ~~Buch_j~~_i er _____i mag]

the book which book he likes

‘the book which he likes’

b) das [Buch_j] [CP [das ~~Buch_j~~_i er [x Buch]_i mag] (reconstrução em LF)

the book which book he book likes

Como visto no exemplo acima, nesse modelo de Salzmann (2006), a ausência dos efeitos do Princípio C é decorrente, não do apagamento da cópia interna do núcleo relativo (como ocorre nas estruturas *matching* propostas por Munn e Citko), mas sim do mecanismo “*vehicle change*”, que permite que a representação interna do NP relativo seja mantida em LF, mas contendo um pronome pessoal (que carrega os traços-*phi* correspondentes aos da expressão-referencial).

2.3. Em Síntese

Questões relacionadas à sintaxe e à semântica das orações relativas vêm sendo elaboradas (e re-elaboradas) de diferentes formas ao longo do gerativismo, acompanhando as modificações que a teoria desse *framework* sofreu desde a Teoria Padrão até o Programa Minimalista.

Entre todas as propostas, duas se firmaram com maior peso no Minimalismo: a *raising analysis*, seguindo principalmente a versão de Kayne (1994), e a *matching analysis*, com base na proposta de Chomsky (1965), que, entretanto, sofreu diversas modificações. Apesar de a maior parte do debate atual estar dividido, de certa forma, entre dois pólos – os defensores da *raising* x os defensores da *matching* – (debate esse que se mostrou muito produtivo, gerando várias críticas e reformulações em ambas as propostas), um novo paradigma parece estar se formado recentemente, embora ainda com poucos representantes (Sauerland, 1998; Bhatt, 2002 e Heim, 1987): a proposta de se conjugar a estrutura *raising* com a *matching*, o que solucionaria o “impasse”, já que uma seria usada justamente nos casos que a outra não consegue dar uma formalização adequada para a análise das orações relativas.

A seguir, o Quadro 2.1 sintetiza as características básicas das propostas sintáticas descritas acima e o Quadro 2.2 traz os principais argumentos a favor e contra as análises *raising* e *matching*.

Quadro 2.1. Síntese das propostas com base em análises *raising* e *matching* para orações relativas.

Autor	Natureza do constituinte do elemento crítico	Local onde o elemento crítico é gerado	Mov. A' elemento crítico	Tipo de Dependência	Características
Kayne (1994)	DP NP (oração não- <i>wh</i>)	Interno ao CP relativo	Sim	CP complemento de D	Diferencia natureza do elemento crítico em relativas <i>wh</i> e não- <i>wh</i>
Bianchi (1999/2000)	DP (D subespecifica do para não- <i>wh</i>)	Interno ao CP relativo	Sim	CP complemento de D	Unifica natureza do elemento crítico em relativas <i>wh</i> e não- <i>wh</i> . Acrescenta camada XP na derivação de relativas- <i>wh</i>
Hornstein (2001) e Adger (2002)	DP	Interno ao CP relativo	Sim	CP adjunto de DP e de NP	Adger (2002) propõe traço [Rel] para diferenciar orações relativas e interrogativas
Vries (2002)	DP	Interno ao CP relativo	Sim	CP complemento de D	Unifica tratamento de relativas- <i>that</i> e <i>wh</i> . A diferença seria em termos de checagem de traços formais
Sauerland (1998)	DP	Interno ao CP relativo Externo ao CP relativo (default)	Não	CP complemento de D e CP adjunto ao NP (?)	Relação entre núcleo nominal e vestígio (cópia) pelo mecanismo de <i>vehicle change</i> ou por movimento- <i>wh</i> (<i>special interpretation</i>)
Citko (2001)	DP	Externo ao CP relativo	Não	CP adjunto ao NP (?)	Uma das cópias é apagada em LF por <i>deletion under identity</i>
Salzmann (2006)	DP	Externo ao CP relativo	Não	CP adjunto ao NP (?)	Usa mecanismo <i>vehicle change</i> e a operação <i>deletion under identity</i>

Quadro 2.2. Principais argumentos expostos na literatura pró e contra as análises *raising* e *matching*.

	<i>Raising analysis</i>	<i>Matching analysis</i>
Argumentos favoráveis	Ligação entre o núcleo nominal externo e a posição de vestígio por meio de movimento (sem necessidade de mecanismo extra)	Não violação do Princípio C da Teoria da Ligação
	Relativas com expressões idiomáticas, casos de escopo e vinculação de variáveis	
Argumentos contrários	A questão do caso diferente para o DP da oração principal e o DP que contém o NP relativo	Construções em que há ligação de variáveis, leituras idiomáticas e escopo
	Falta de adequação para representar a sintaxe das relativas apositivas	
	Violação do Princípio C	

Como visto, as diferentes abordagens sintáticas para as orações relativas, particularmente as distintas versões para as abordagens *raising* e *matching* sintetizadas acima, detêm-se, principalmente, sobre duas questões relevantes: o “problema da modificação” (como a oração relativa se posiciona na árvore sintática) e o “problema da conexão” (como se dá a relação entre o elemento relativizado e seu vestígio/cópia na relativa). Este último problema, além de importante para a Teoria Lingüística, também se mostra relevante na pesquisa sobre o processamento das construções relativas, como será visto a seguir.